HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO **4** · NÚMERO **21** · **JANEIRO 2025**

Editorial

— António Braz

Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

É de coração cheio que, após a pausa letiva de Natal e Ano Novo, retomamos as atividades da USG .

No passado mês de dezembro, fizemos uma visita a Águeda, que é incontornável na quadra natalícia

Fechámos o ano passado com a alegria da quadra na nossa Festa, que ocupou o Auditório Municipal com horas de convívio e boa disposição, e, claro, celebrámos também com o nosso Almoço de Natal, que se realizou na Quinta da Azenha de Baixo.

O arranque de 2025 já trouxe à USG novos convidados e promete oficinas e iniciativas novas (estejam atentos) bem como recorrentes, como é o caso da Tertúlia e da Poesia no Parque.

Também teremos a honra de ser representados pela nossa equipa USG no XXI Concurso de Cultura Geral, promovido pela RUTIS e do qual já arrecadamos 5 vezes a vitória!

Contamos com o apoio de todos para os nossos campeões e com a vossa presença nas atividades vindouras.

Aproveito para lembrar que a exposição dos alunos de Fotografia Analógica, orientados pelo prof. Artur Rocha, pode ser visitada na Biblioteca da EBS Cerco do Porto até ao dia 31.

Votos de um excelente Novo Ano!

Bem-haja!

À descoberta (redescoberta) de Florbela Espanca

— Etelvina Ferreira

Depois da espontaneidade e encanto de Alice Vieira, de quem tivemos o privilégio de conhecer através de uma conversa online, inserida nas atividades implementadas pela professora Maria José, e depois pessoalmente, num evento num belíssimo hotel, Hotel Boutique Torel, no Porto, para o qual a turma foi convidada, eis que chega a vez de Florbela Espanca.

Florbela Espanca, amplamente conhecida como uma das maiores poetisas da língua portuguesa, também escreveu uma prosa marcada por profunda sensibilidade e lirismo. Sua prosa reúne contos, crónicas e reflexões que revelam a mesma intensidade emocional presente na sua poesia. Obras como Máscaras do Destino e O Dominó Preto apresentam narrativas que exploram temas como a angústia existencial, o amor, a solidão e o destino inevitável. Em sua prosa Florbela mostra uma escrita introspetiva, rica em simbolismo, capaz de tocar o leitor com a sua humanidade.

Imaginem só! Quando a professora Maria José Castro começou a apresentar um enxerto de Máscaras do Destino, eu, inicialmente até um bocado distraída, próprio da minha pessoa dada a divagações frequentes, fui imediatamente capturada pela beleza melancólica do texto. Minha atenção foi completamente fisgada não apenas pelas frases elegantemente construídas, mas também pelo sentimento que parecia falar imediatamente à minha alma.

Depois desta aula não descansei enquanto não adquiri, para mim própria, os textos escritos, em prosa, da Florbela, embora esta tarefa se revestisse de alguma dificuldade. Era urgente acrescentar à poesia completa da mesma autora, obras que viriam enriquecer o meu espólio literário. Ler e deixar-me encantar foi um ápice.

A descoberta da prosa da Florbela Espanca mostra como a autora transcende fronteiras e gerações tentando e encantando leitores em qualquer contexto literário e geográfico.

Florbela Espanca (1894—1930)

Natal

— Margarida Rodrigues

Num momento de nostalgia, o meu pensamento remeteu-me para o Natal da minha infância. Lembro-me que era uma noite muito especial. Sentado a meu lado, num banco largo de madeira que havia sido aproveitado de um outro móvel velho e que eu considerava só meu, o meu gato Ruca partilhava comigo parte da comida, sob o olhar reprovador da minha mãe.

A ceia de Natal era servida na sala de jantar, e eu, sem qualquer hesitação, arrastava aquele que seria o meu assento durante muitos anos. De forma a ser mais confortável, a minha mãe tinha feito uma almofada longa, com tecido branco, que era o aproveitamento de um lençol já gasto pelo tempo. A almofada era feita em tecido dobrado, a fim de poder ser resistente, e cujas forras iam variando ao longo do ano, de acordo com a época festiva. Na Páscoa, a forra tinha um estampado com coelhos, ovos e fitas coloridas - todos os tecidos eram retalhos que a minha mãe comprava na feira, na Quinas, cuja banca ficava em frente à casa de comidas Curtinha, próximo da escola primária. Depois, até ao verão, passava para um tecido com flores rosa, azul e amarelo. Em setembro, e aí sim, a forra mudava de figura. Um tecido bem resistente e muito atrativo, cujo fundo com margaridas de vários tamanhos, com um olho amarelo e folhas miudinhas faziam as minhas delícias. E como setembro era o mês dos meus anos, esta forra com margaridas estampadas faziam adivinhar o meu aniversário, dia de enterrar as merendas, isto é, quando os trabalhadores faziam uma grande merenda a simbolizar todo o ato do final das colheitas. No dia do meu aniversário, com algumas amigas, rumava até um campo próximo de casa e ao lado do qual passava um riacho.

De manta liteira debaixo de braço, as respetivas bonecas e um cesto com uma linda toalha bordada e com um farnel composto por coquinhos, pães de leite, maçãs e uma garrafa de limonada com copinhos de vinho do Porto. O que sobrava do farnel, e tal como os trabalhadores faziam com as merendas, era enterrado num buraco feito na terra, a simbolizar a abundância das colheitas, no fim do verão. Assim que chegava o outono, a forra da almofada era diversa: o seu estampado outonal remetia-nos para o início de uma nova estação, com tonalidades diferentes e que se mantinha até ao dia 8 de dezembro. Aí sim. Nesse dia fazíamos o presépio que, antecipadamente, o meu pai fazia questão de irmos ao monte apanhar o musgo. A colocação das diversas figuras do presépio e a sua disposição surtia em mim como que um encantamento. As variadas jarras da casa eram enfeitadas com camélias maioritariamente brancas, e uma ou outra de cor rosa (a minha mãe não gostava muito de mistura de cores - parece uma fantochada - dizia ela). Ramos de pinheiro e azevinho compunham as jarras e davam um lindo efeito. Trocavam-se as mantas das camas, feitas à mão com duas agulhas e com o aproveitamento de lãs, trocava-se um ou outro quadro bordado com motivos natalícios, uma fita larga dourada a enfeitar as portas da cozinha e da sala de jantar. Mas o momento alto do dia era a mudança da forra da almofada do meu banco, um tecido de fazenda em xadrez escocês, vermelho, verde, preto e branco que contrastava com a cor cinza claro, debruado com duas espiguilhas, uma verde e outra vermelha, com um pompom feito de lã vermelho em cada um dos cantos, o que causava admiração nas visitas e amigas das raparigas lá de casa.

O meu pai fazia questão que esse ritual se mantivesse, apesar da minha mãe se queixar de que tinha mais que fazer do que satisfazer todas as nossas vontades. No dia 8 de dezembro, na celebração do Dia da Mãe, íamos à missa, e o meu pai tinha por costume que a minha mãe fosse mimada por ele e por nós. Evidentemente que havia sempre um ou outro incidente, leite ou sopa entornada na roupa, que causava algum transtorno, mas que facilmente se resolvia, situações que o meu pai, rapidamente, transformava em compreensão e alegria, o que demonstrava o amor pela família. O jantar era sopa, uma travessa de aletria com canela e meia dúzia de rabanadas, tudo preparado muito cedo, de modo a estar tudo ponto na hora devida. Sentada no meu lindo banco com o meu lindo gato, e como não há vela sem senão, eu ouvia logo um raspanete, pois com toda a naturalidade de uma criança, eu mexia continuamente nos pompons. A ameaça era grande: - Tu e esse gato até voam se desfazem os pompons, dizia a minha mãe, porque o Ruca entretinha-se a puxar os fios e a dormir uma soneca. O meu pai ria-se e, com toda a ternura, atalhava que no caso de isso acontecer se faziam uns novos. A minha mãe não achava muita piada a isso e dizia ao meu pai - pois, não és tu que tens de fazer os novos… A ceia de Natal era composta por um caldo de couve-galega com feijão branco e regado com azeite, seguido de batatas cozidas, pencas, grelos e o respetivo bacalhau, regado com o famoso molho fervido. Eu fingia que comia o rabo do bacalhau, e, disfarçadamente, tirava da boca para dar ao gato, molho fervido nem pensar, não gostava, tem um sabor muito esquisito. Aprende a gostar, diziam os mais velhos.

Após a refeição principal, havia sempre as famosas tangerinas e as maçãs coradinhas da casa da tia Rosa, aletria, rabanadas, queijo, avelãs, bolo-rei e vinho do Porto. Éramos cinco, mas a casa ficava cheia. Habitualmente, chegava a tia Zira, irmã do meu pai, a mostrar o xaile novo feito pela cunhada Bina, por quem tinha um grande apreço. Levantava-me imediatamente, e a tia Zira vinha sentar-se no meu banco comigo ao colo. Guardo desta tia e da tia Rosa as melhores memórias de carinho e ternura. Jogávamos à raspa, ao burro e, entretanto, íamos para a cama, eram horas de dormir. Nessa noite, eu estriava sempre um pijama lindo feito de flanela, bem

quentinho, e as minhas irmãs uma camisa de dormir, também de flanela. As respetivas golas, forradas com um tecido macio branco eram debruadas com uma linda renda de guiupur, com florinhas, uma branca, uma rosa, uma azul-claro e uma amarela, às vezes com várias emendas visto que naquela altura quase nada era desperdiçado e tudo voltava a ter uma nova vida. No meu caso, as golas dos pijamas tinham dupla função, a beleza da peça em si, mas também usar por baixo das lindas camisolas em dralon que a minha mãe fazia e que quase sempre me picavam o pescoço. Na manhã do dia de Natal, eu saltava da cama cedo, ia até à cozinha com o Ruca atrás de mim, ver o presente que o Pai Natal tinha deixado. Uma camisola, umas luvas, uns cachecóis faziam sempre parte dos presentes e alguma coisa mais que eu desconhecia por completo.

Retenho na memória, como se fosse hoje, em que estava no sapatinho uma caixa com um boneco de corda, unicamente vestido com uma fralda e que gatinhava. Nunca perdi a memória desse brinquedo. Nessa altura, o Ruca também tinha direito a um presente, uma babete em flanela com quadrados pequenos e azuis, brancos e rosa, debruada com uma fita azul. Passaram mais alguns natais e a grande mudança ocorreu aquando da morte do meu pai, 12 de dezembro, tinha eu 10 anos. Retive na memória essa noite de Natal em que as quatro fizemos um esforço para tornar essa noite menos triste. Passei a dormir com a minha mãe, e lembro-me do seu choro contido durante toda a noite. Também quero guardar como das melhores memórias a ida com o meu pai à baixa portuense visitar o irmão, eu vestida de casaco de fazenda azul-escuro, com gola e punhos em tecido de veludo, chapéu mandado fazer na chapelaria Santo António, na Rua 31 de Janeiro, luvas vermelhas com riscas azul-marinho nos punhos, botins vermelhos com uma dobra em azul e as meias até ao joelho com uma dobra larga azul marinho. A menina irrequieta, a quem o pai dava orgulhosamente a mão, e que entramos numa loja para comprar as meias até ao joelho amarelas e pretas com desenho jacquard, para a minha irmã Rosita, que iria combinar na perfeição com a camisola nova que iria receber no dia de Natal. Este segredo era só meu e do meu pai, pois era logo alertada - Ó Guidinha, não dizes nada. Seguíamos até à confeitaria Villares para levantar o bolo-rei oferecido pela dona da fábrica, que tinha uma grande estimação pelo meu pai.

Ontem, durante a minha visita à baixa portuense, todas estas memórias me assolaram e fizeram-me reviver com nostalgia os tempos felizes da minha infância.

A Adoração dos Magos, de Domingos Sequeira (1768-1837), no Museu Nacional de Arte Antiga

O Sorriso

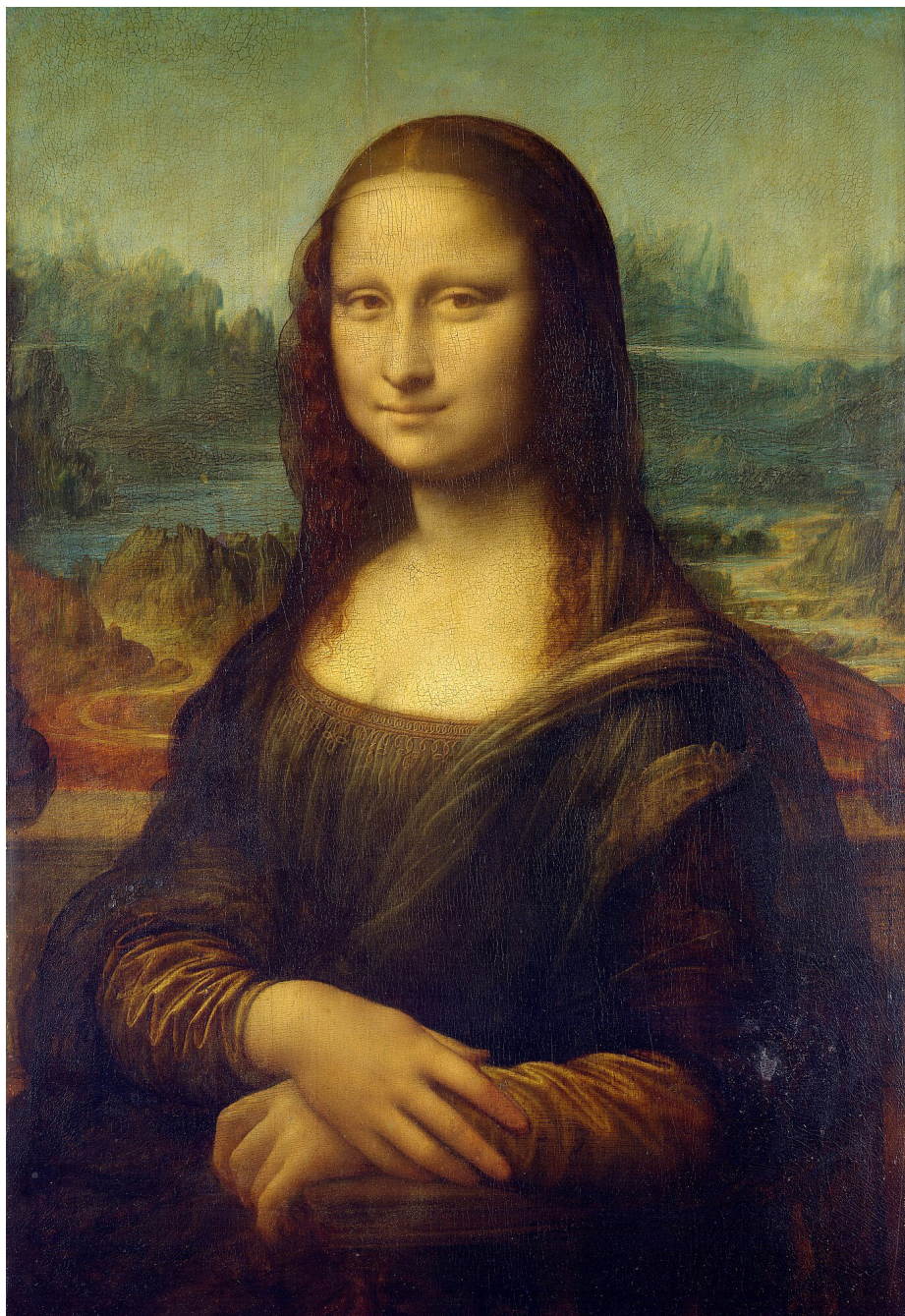
— Lino de Castro

La Gioconda ou *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci (1452-1519), no Museu do Louvre

O sorriso é uma das respostas instintivas que nos carateriza enquanto seres humanos. É a expressão mais evidente de alegria e de felicidade (embora possa ser também de medo ou ansiedade). A par da fala, é a qualidade que nos torna especificamente humanos. É um recurso à nossa disposição (a não ser que soframos de alexitimia, que não saibamos sentir, expressar ou reconhecer em outros as emoções). Além do que rir e sorrir torna-nos mais saudáveis, o que quer a psicologia e até a sociologia sabem bem explicar.

Historiando o tema, certo anatomista francês, lançou há pouco mais de um século as bases para o estudo físico e psicológico do sorriso. Resultou desse seu trabalho o termo ou expressão sorriso de Duchenne, como sinónimo de um sorriso honesto, associado ao prazer, à calma e à felicidade. Paralelamente, a nível físico, o sorriso envolve não só a utilização dos músculos da boca e da face, mas também dos olhos. É o olhar que mostra a chave do verdadeiro sorriso…. No falso sorriso os olhos não são envolvidos.

Analisemos, entretanto, a vertente terapêutica do sorriso de Duchenne (qualificativo em homenagem ao seu estudioso, Dr. Guillaume Duchenne), o verdadeiro sorriso. Ele é uma das ferramentas que dispomos para provocar o relaxamento. O sorriso relaxa e relativiza, pelo que o sorriso poderá ter a capacidade de acalmar uma situação de tensão, seja ela nossa ou de outrem, interna ou externa ao sorridente. Também é uma boa estratégia para prevenir a tristeza e a depressão, pois gera estados de espírito positivos e agradáveis.

O sorriso e o seu irmão mais idoso, o riso, libertam no nosso organismo endorfinas e demais suas irmãs inas, como sejam a dopamina, a serotonina e a adrenalina, as quais ajudam a reduzir a dor física ou a emocional. Elas, aquelas hormonas, ativam o sistema neuro endócrino e até o imunitário, aumentando o número de glóbulos brancos e promovendo a plasticidade cerebral.

Acreditam os estudiosos desta área de conhecimento que as pessoas que sorriem mais têm menores probabilidades de vir a sofrer de Alzheimer, e de outras doenças degenerativas. A O.M.S. afirma que mais de 90% das doenças têm origem psicossomática. O modo ou a forma como as pessoas lidam com os conflitos, o stresse e as frustrações, pode ser determinante para a qualidade do seu bem-estar e saúde.

O sorriso e o riso reduzem também os níveis de hormonas relacionadas com o stresse, como o cortisol. Pelos estudos e saberes adquiridos, acredita-se que tudo são vantagens por detrás de um amplo sorriso… Mas não nos esqueçamos, todavia, que embora sorrir seja grátis, alcançar uma boa saúde mental não o é. Só uma pessoa com boa predeterminação e trabalho em prol da saúde, será a que mais sorri (mesmo que lobrigando incertezas no devir).

O Natal está chegando

— Milú Almeida

Toc, toc, estão batendo?!
Arrumo a cortina p'ró lado,
e perco a vista nas luzinhas
que rondam pelas ruas
e pelas casas das vizinhas.

É o Natal que está chegando
outra vez
e já passou um ano!
Vai nascer o Deus menino
como bom samaritano ...

Que barulheira,
labuta e canseira,
andar em almoços e festas,
gastar o dinheiro em prendas,
e ter toda a gente à mesa,
pois com certeza,
sem deixar de ter a esperança
por companheira.

Está chegando o Natal
para dar glória, de novo,
ao amor e à alegria,
com a boca perfumada,
os braços bem abertos,
espalhadas doçuras e frutas,
presépios, sonhos e laços
e lareiras quentes acesas.

Está chegando o Natal
como um príncipe encantado
que chega em beleza,
com a cabeça na lua
como um elfo enamorado.

Exposição de Alunos

No dia 6 de janeiro, a turma de Fotografia Analógica teve a honra de inaugurar a exposição "Património: Fontanários e Chafarizes" na Biblioteca EBS Cerco do Porto.

Esta exposição é uma celebração da beleza e importância dos fontanários e chafarizes, elementos essenciais do nosso património cultural. Através das lentes dos nossos alunos, poderá descobrir nuances e detalhes que muitas vezes passam despercebidos no dia a dia.

A exposição estará disponível até ao dia 31 de janeiro.

Poesia no Parque

Nos dias 15 de dezembro e 12 de janeiro, alunos, professores e amigos juntaram-se para mais um encontro no Parque Urbano de Gondomar, onde nos reunimos para celebrar, uma vez mais, a Poesia.

Sob o brilho do sol, as palavras fluíram livremente, trazendo inspiração e beleza a todos os presentes. Foi um bonito momento de partilha e conexão, onde a poesia se fez viver no coração do nosso espaço verde.

Entrevista à prof.ª Cecília Santos

— António Ferraz

Hermes: Professora Cecília Santos, por que está a lecionar a cadeira de francês na USG?

Professora C. S.: Eu sempre tive projetos para o francês, mesmo depois de me ter aposentado. E um dos projetos era ensinar francês num infantário. Começar com crianças pequeninas, e levá-las através da poesia, através das canções, como faço às minhas netas, ensinar-lhes francês, pois acho que ainda é uma língua de cultura. Infelizmente, agora, pouca gente sabe esta língua, pois o inglês praticamente acabou com o ele. Eu fui para românicas porque o idioma sempre me encantou, e por isso a minha vontade de passar este encanto. Os outros para mim são esse projeto que não chegou ainda a ser viável, mas que não está esquecido: ensinar francês a crianças, pedir para entrar uma hora numa escola e estar com os miúdos a tentar cantar com eles algumas canções em francês para que a sonoridade da língua fosse entrando no ouvido. Mas, depois surgiram outros contratempos na minha vida que me forçaram a ocupar o meu tempo. Não fui para a frente com esse projeto, mas fui com outro: ir para uma universidade e levar os adultos, as pessoas da minha idade, a relembrarem a língua francesa, porque toda a gente a aprendeu francês inicialmente. A ideia era relembrar o francês que tinham aprendido na escola e trazê-lo para a sala de aulas. Comecei pelo francês iniciação, porque havia uma turma de francês 1, da professora Berta, e eu iria dar a iniciação que faltava. Então quando comecei, foi com iniciação ao francês. Eu até dizia para me rir que não era iniciação, pois já todos tinham iniciado o francês da escola. Seria mais uma reiniciação. Foi assim que eu fiz o primeiro ano, a iniciação. Ao chegar ao segundo ano, eu questionei-me: mas eu vou continuar a dar iniciação, se são as mesmas pessoas? Comecei a acrescentar algumas coisas, e, neste momento, todas os alunos que entram para esta disciplina terão de ter conhecimentos de base. Aqueles que não têm mesmo nenhuns conhecimentos não se adaptam à aula, pois já estamos num nível um bocadinho elevado. Não digo isto aos alunos, mas, de facto, o nível já é bastante alto, e eu sinto que há alguns que têm mais dificuldades que outros. Mas, eu também não posso deixar para trás aqueles que sabem mais. Portanto, as expectativas são muito altas, e eu tento corresponder a todos nas expectativas. E daí, neste momento, estarmos a analisar um romance. No ano passado demos um conto, e este ano evoluímos para algo mais complexo, a terminar no segundo período letivo.

Hermes: Em termos de ensino, e por saber que a experiência da professora Cecília Santos sempre foi o ensino secundário, que prazer lhe dá lidar com adultos, com idades a rondar os 60 anos?

Professora C. S.: Quando iniciei a minha vida de professora, ainda na faculdade, também tinha turmas de dia e turmas de noite, e havia uma diferença abissal entre os dois tipos de turmas. À noite as pessoas estavam mesmo com vontade de aprender, reinava o silêncio, havia diálogo, e os alunos estavam sempre muito atentos. Eu comparo um pouco as aulas no ensino secundário à noite com os alunos que tenho hoje: as pessoas quando vão para uma disciplina vão porque querem aprender ou reaprender esses temas, ou uma língua, ou então porque gostam de história, pintar, etc... e nunca tiveram essa oportunidade. Eu acho que os alunos sentem prazer, e, pelo meu lado eu também sinto ao realizar-me de novo como professora. Noto que os alunos são felizes quando aprendem ou reaprendem comigo, ou mesmo com a expectativas de aprender algo diferente. Por essa razão eu sinto-me bem.

Hermes: Os alunos da professora Cecília Santos sabem que em cada aula existe um trabalho de retaguarda, os alunos apercebem-se disso pela forma como as aulas são

esplanadas... dá-lhe prazer preparar as aulas, sabendo que os seus alunos da USG, dado que são pessoas com ideias bastante maturadas, podem ou não gostar e sentir prazer daquilo que a professora expõe?

Professora C. S.: Sim. A mim dá-me muito prazer fazer aquilo que sempre fiz: preparar a aula, imaginar como poderei abordar este ou aquele tema, sabendo as dificuldades dos alunos, uns mais e outros menos, como poderei fazer um bom trabalho. O meu objetivo é simples: que os alunos consigam acompanhar-me, nem que eu tenha de me repetir, de falar muito devagar, ou de traduzir. Dá-me muito prazer continuar a preparar as aulas para que o aluno perceba. Vou organizando as aulas ao longo da semana, e gosto que os alunos apreciem as cancões francesas dos anos 60 e 70, assim as atuais. Fujo um pouco da gramática, pois é mais complicada, mas nem sempre o posso fazer. De vez em quando lá aparece um verbo, e lá temos nós de ver como se faz a concordância.

Os alunos do ano passado pediram-me para que as aulas deste ano fossem mais à base de escrita, a fim de que pudessem fazer resumos de um capítulo. Sugeriram ler em casa o capítulo, sem compromissos, se quisessem, e na aula abordaríamos esse resumo. Assim, já poderíamos descrever e ao mesmo tempo sublinhar alguns aspetos gramaticais que são importantes. Também este

ano estou a insistir mais, a pedido dos alunos, na “version”, isto é, passar um texto de português para francês, embora isso já implique conhecimentos gramaticais. Estou a tentar corresponder à vontade dos alunos noutros contextos, como música francesa nas aulas e filmes que possam preencher algumas falhas. Estou a tentar corresponder a estas expectativas, a tudo isso, pois eu gosto muito daquilo que faço.

Hermes: Professora Cecília Santos, a que ponto chega essa abrangência, esse altruísmo de dar o melhor de si mesma, sem receber nada em troca?

Professora C. S.: Bom, a isto chama-se voluntariado. Poderia fazê-lo noutro sítio qualquer, mas acabei por dar aulas de francês. Para além disso, gosto de estar com pessoas, e como tal, tenho prazer nisso, em comunicar aquilo que sei e o que aprendo de novo. Se conseguir que os alunos aprendam um pouco daquilo que lhes transmito, ficarei muito satisfeita. Estou numa altura da minha vida em que, realmente, não preciso de ganhar dinheiro, pois, felizmente, tenho que me chegue e, por isso, posso colocar-me ao serviço da comunidade, para um bem comum, dando as minhas aulas gratuitamente. Dá-me prazer poder dar aos outros um pouco daquilo que sei. É claro que tenho alguns custos, mas a única coisa que peço é ter um lugar para estacionar. Consigo ter um lugarzinho quando venho dar a aula. Pronto, já fico contente.

Hermes: Para terminar, pergunto-lhe se há algum projeto que tenha pensado para as suas aulas de francês, nos próximos tempos, para esta gente na casa dos 60 anos, que precisa de estar em família para ser feliz?

Professora C. S.: Para já, o meu projeto é terminar a análise deste romance, rapidamente. Já reparei que acabo por perder muito tempo, esmiúço demasiado a interpretação, mas os textos são tão ricos que me custa não parar nos pontos essenciais da interpretação, e isso faz perder tempo. Gostava que os alunos propusessem a próxima obra a estudar. Gostaria de ter participado na festa de Natal, mas não foi possível, mas quero que entremos na festa de final de ano, mostrar que os alunos também lá estão para participar, como, aliás, os próprios me vão dizendo que o querem fazer. A primeira vez que participei, antes da pandemia, foi com os alunos a cantar uma canção de Françoise Hardy, onde, todos em palco cantaram. Os alunos, por diversas vezes, manifestaram vontade de ensaiar algumas atividades diferentes para o final de ano. Por isso, continuo à espera das suas sugestões.

Hermes: Mesmo, mesmo a última pergunta, se não se importar. De forma muito pessoal, o que sente a professora Cecília Santos perante estes alunos que têm necessidades que vão para além de aulas de francês, necessidades de se libertarem da solidão e estarem juntos de pessoas de quem gostam?

Professora C. S.: Realmente há mais solidão do que aquilo qua a gente pensa em alguns alunos e em mim própria, e o facto de estarmos todos juntos faz com que possa haver um intercâmbio de solidariedade, de amizade, de companheirismo. Começamos a tentar aproximarmo-nos mutuamente, de modo que o outro se sinta mais próximo de nós. Acabamos por criar uma comunidade de aprendizes, de leitores de francês, mas, no fundo, há algo ali que nos liga e que é já uma amizade que se vai solidificando.

Hermes: Professora Cecília Santos, agradecemos muito a sua colaboração, as sua palavras tão importantes para a comunidade escolar, e, publicaremos esta entrevista no jornal de janeiro ou de fevereiro. Muito obrigado.

Queremos que se junte a nós!

Envie os seus textos, fotografias ou pinturas para jornalalunosusg@gmail.com ou entregue-os na secretaria.

Partilhe memórias, reportagens, poemas, diários, crónicas, resenhas, canções, receitas, enfim, o que tiver na gaveta ou na cabeça e que tem de dar a conhecer aos seus colegas da Universidade Sénior de Gondomar!

E não se esqueçam que temos todos os textos (mesmo os que não cabem na edição impressa) na Internet, através de https://hermesusg.pt/

Um Olhar do Mercado do Bolhão, de Luís Pimenta
aluno de Fotografia

Quadra Festiva na USG

No dia 6 de dezembro, visitámos Águeda para apreciar as deslumbrantes luzes de Natal, o maior Pai Natal do Mundo e o menor Pai Natal, uma nano-estrutura do artista Willard Wigan, uma incrível experiência, vista através de microscópio.

Todos ficaram encantados com a magia das iluminações e a atmosfera festiva que envolvia a cidade.

No dia 13 de dezembro, celebrámos no Auditório Municipal de Gondomar a nossa Festa de Natal.

Foi uma tarde muito agradável, com música, poesia, dança e representação.

Alunos e professores contribuíram para que todos tivessem a oportunidade de apreciar um tanto do que se vai aprendendo e partilhando e vivendo na nossa USG.

No nosso Almoço de Natal, no dia 17 de dezembro contamos com a presença de mais de duas centenas de pessoas, o que para nós, foi motivo de muita alegria.